

## CAPÍTULO 8

### O problema teológico

#### 8.1. Contexto vital

Diferentemente dos outros escritos, o DtIs não traz nenhuma informação a respeito do ambiente onde esses capítulos possam ter sido pronunciados ou escritos. Partindo apenas de fragmentos de informação presentes no texto,

...admite-se, em geral, que os exilados se reuniam para o culto e discussão dos problemas da comunidade, no tocante aos quais eles podem ter tido autonomia limitada, e postula-se freqüentemente ter o profeta entregue a sua mensagem a estas reuniões, quer oralmente, quer por escrito.<sup>636</sup>

##### 8.1.1. Crise de fé em Israel

De um modo geral, poderíamos dizer que o problema de fundo com que o profeta se embate é a crise de fé do povo de Deus.<sup>637</sup> O DtIs, mais do que qualquer outro texto profético, mostra bem os múltiplos aspectos do desânimo, da desilusão, da dúvida dos exilados ou dos que voltaram do exílio.<sup>638</sup>

Muitos judeus exilados estavam desiludidos e haviam perdido a fé em IHWH. Alguns dentre eles cederam à tentação do opressor: “Por isso meu povo se volta para eles e águas em abundância lhes vêm ao encontro” (Sl 73,10). Achavam que IHWH ou não queria ajudá-los ou não era capaz de fazê-lo, ou que havia renunciado ao seu trono: “IHWH nos abandonou” (Is 49,14; 40,27);<sup>639</sup> que não tomava conhecimento

<sup>636</sup> GOTTWALD, N.K., op. cit., p. 461.

<sup>637</sup> „Der erste Widerstand war der Kleinglaube ihrer Adressaten, damals in Babylon und jetzt in Juda“ (ALBERTZ, R., op. cit., p. 301).

<sup>638</sup> “Hay que apoyar a un pueblo desalentado, verosíblemente al pueblo de retorno en Jerusalén... Los exilados de regreso encuentran solamente un magro presente, no los espejismos acariciados durante años de ausencia. En el texto de DtIs se dejan rastrear mejor que en ningún otro profeta los múltiples aspectos del desánimo, la desilusión, la duda. DtIs, un verdadero libro de consolación, enfrenta esa

da situação deles. “E dizem: ‘Acaso Deus conhece? Existe conhecimento no Altíssimo?’” (Sl 73,11). Os exilados devem ter achado que a derrota de Israel para a Babilônia deveu-se à derrota de IHWH para os deuses babilônios.<sup>640</sup> IHWH, a quem Israel via como protetor invencível, fora incapaz de resistir ao ataque dos babilônios, mostrando-se, portanto, impotente perante seus deuses.<sup>641</sup>

Israel perdera sua posição de destaque entre os povos, simbolizada pela monarquia davídica, querida por Deus (cf. Is 55,4); Sião, lugar da inquestionável presença de IHWH, jazia em ruínas, fitando os olhos sobre a desolada paisagem, como uma viúva a quem foram subtraídos os filhos (cf. Is 54,1-3). IHWH apartou-se de seu povo como um homem que se divorciou de sua esposa (cf. Is 50,1). No exílio, a situação era desoladoramente assim avaliada.<sup>642</sup>

---

situación múltiple. Un único argumento es convincente: *Yavé puede actuar*” (SIMIAN-YOFRE, H., La teodicea del Detueroisaias, p. 69).

<sup>639</sup> “Uma idéia errada sobre Deus foi comendo por dentro a fé do povo, feito cupim. Mas o povo não olhou nem cuidou. Quando veio a tempestade da desgraça, a fé já não tinha peso nem força para enfrentar a situação e voou como coisa sem valor, deixando o povo sem proteção. E o povo, o que fez?... jogou a culpa em Deus e disse: ‘Deus me abandonou!’” (MESTERS, C., op. cit., p. 156).

<sup>640</sup> “At the same time, however, several of Deutero-Isaiah’s utterances suggest, as was only to be expected, that the downfall of the state, the destruction of the temple, and the end the Davidic dynasty also meant, in many people’s eyes, the end of Yahweh’s action on behalf of his people. Victory had gone to the gods of Babylon, and the pomp of the worship offered to them must have made a tremendous impression. For many, therefore, the old faith lost its fervour, and not a few turned to the gods who now had the mastery” (WESTERMANN, C., op. cit., p. 6). „In den Augen seiner Leidensgenossen hatte der Gott Israels abgedankt. Andere Götter — allen voran Marduk, der Babylonische Staatsgott — hatten ihm den Rang abgelaufen“ (DIETRICHW.-LINK, C., op. cit., p. 285). „Hatte denn JHWH, der Gott dieser winzigen Volksgruppe, die Macht, so gewaltigen Nationen wie den Babyloniern und Persern seine n Willen aufzudrücken (40,15-17)? Waren nicht deren Götter viel mächtiger (V. 18-20.25f)? Handelte er überhaupt in der Geschichte nach moralischen Kategorien und verstehbaren Prinzipien (V. 13f)? Ja, interessierte er sich überhaupt noch für sein Volk und war er bereit, ihm Recht zu schaffen (V. 27-31)?“ (ALBERTZ, R., op. cit., p. 301).

<sup>641</sup> “It is clear from many passages in the book that some at least of the Jewish exiles in Babylon in Deutero-Isaiah’s time had become disillusioned. They had lost faith in Yahweh in two aspects: they no longer believed that he was *willing* to help them; nor, even more serious, that he was *able* to do so. Deutero-Isaiah’s task was to prove to them that neither of these doubt was justified... Deutero-Isaiah, like this predecessors, had another task which was in a sense basic to the others: to convince them that he himself, the one who was proclaiming the message of redemption, was a true prophet called by Yahweh, and that the message was itself God’s word” (WHYBRAY, R.N., op. cit., p. 32-33).

<sup>642</sup> Cf. DIETRICH, W-LINK, C., op. cit., p. 285.

### 8.1.2. Resposta do profeta

Conforme Jr 29, durante o exílio outros profetas já haviam prometido algo semelhante àquilo que Is ora anuncia, mas suas profecias foram rejeitadas como falsas. Como Isaías conseguiria convencer seus ouvintes de que não era um falso profeta? Como convencê-lo de que seu anúncio de paz e de prosperidade poderia ser levado a sério?<sup>643</sup> Na maioria dos oráculos do profeta, seja nas disputas com seus oponentes, seja nos discursos de julgamento, onde IHWH aparece em luta com os outros deuses (cf. Is 41,21-22; 44,7), ele procura persuadir seus ouvintes da autenticidade de sua mensagem, buscando, inclusive, justificar a si mesmo como profeta.

Ele mostra que os ídolos não possuem força alguma, mas IHWH é inquebrantavelmente forte; Israel não perdeu sua dignidade, mas foi agraciado com maior honra e promessas do que as da dinastia davídica: em breve Jerusalém seria reconstruída. Como alguém podia pretender que IHWH tivesse abandonado seu povo? — “Onde está a carta de repúdio de vossa mãe, com a qual eu a despedi?” (Is 50,1).<sup>644</sup>

O profeta mostra que Deus propositadamente deixou de intervir para evitar a deportação, não porque não o quisesse ou fosse impotente, mas justamente porque esta era conseqüência do pecado do povo: este mereceu o castigo.<sup>645</sup>

<sup>643</sup> Segundo WALDOW, E., *Der Gottesknecht bei Deuterocesaja*, p. 209, a resistência dos ouvintes de Is dever-se-ia ao fato de ele “escatologizar” seu anúncio (cf. Is 43,1-7, 14-21), o que não me parece muito convincente.

<sup>644</sup> „Deuterocesaja aber hatte eine völlig andere Sicht der Dinge. Er erklärte die fremden Götter für kraftlos, JHWH aber für ungebrochen kraftvoll; mitnichten habe Israel mit der Eigenstaatlichkeit seine Bedeutung verloren, vielmehr habe es Würde und Verheißung des davidischen Königtums selbst übernommen; in Kürze schon werde Jerusalem wieder aufgebaut und Juda volkreich und glücklich sein; und wie man denn beweisen wolle, daß JHWH Israel abgeschrieben habe, wo denn, bitteschön, der Scheidebrief sei?!“ (DIETRICH, W.-LINK, C., op. cit., p. 285).

<sup>645</sup> “He was at one with them in believing that the downfall of the nation was the result of divine judgment... and that all that remained for the survivors was to acknowledge the justice of the sentence” (WESTERMANN, C., op. cit., p. 232).

Sua boa-nova — “Como são belos os pés do mensageiro...!” (Is 52,7) — não pairava no ar, mas, como toda profecia antiga em Israel, brotava de uma observação atenta da história, dos movimentos políticos e religiosos, onde ele ousava perceber a ação de Deus. Com efeito, a decadência do império babilônico, após a morte de Nabucodonosor (562 a.C.) e a ascensão dos persas, na pessoa de Ciro (559 a.C.), oferecem ao profeta preciosos elementos para fundamentar suas profecias. Ele estava convencido do triunfo de Ciro e depositava nele grandes esperanças para si e para seus companheiros de infortúnio, ao passo que muitos dentre estes, já bem entrosados com os babilônios, consideravam improvável e até mesmo indesejável o triunfo de Ciro.<sup>646</sup>

... é altamente provável que alguns membros proeminentes da comunidade exílica houvessem sido admitidos no próprio governo babilônico, o qual, Isaías do Exílio declarava que seria em breve destruído. Ao agirem com vistas a neutralizar o profeta, esses judeus privilegiados teriam lutado, em seu próprio interesse, pela sobrevivência do regime babilônico. O fato de alguns judeus estarem se beneficiando do apoio à hegemonia babilônica, enquanto outros se enredavam numa organização secreta próspera, fazendo preparativos para a captura, por Ciro, de Babilônia, seria mais um exemplo dos conflitos de interesses estruturalmente encravados, nos quais profetas e outros líderes se haviam envolvido desde as próprias origens da profecia.<sup>647</sup>

O profeta apela também para a gesta de Deus no passado, reportando-se até Noé, mostrando como Deus criou seu povo, resgatou-o da mão dos inimigos, conduziu-o para a terra prometida e fez dele uma grande nação.<sup>648</sup> O esquema Egito-

<sup>646</sup> „So atemberaubend rasch sich dieser Umschwung, aus weltgeschichtlicher Perspektive betrachtet, vollzogen hat: er kam nicht schnell genug, um die jüdische Gemeinschaft in Babylonien nicht in schweren Streit über seine Möglichkeit oder Unmöglichkeit geraten zu lassen. Deuterocesaja war überzeugt vom bevorstehender Triumph des Kyros und wertete ihn als große Hoffnung für sich und seine Leidengenossen (Jes 45,1-7 u.ö.), während unter diesen andere, die sich mit den babylonischen Verhältnissen abgefunden oder angefreundet hatten, Kyros' Sieg für unwahrscheinlich und nicht einmal wünschenswert hielten“ (DIETRICH, W.-LINK, C., op. cit., p. 286. Cf. ainda DRIVER, G.R. op. cit., p. 105.

<sup>647</sup> GOTTWALD, N.K., op. cit., p. 465. “De knecht waarvan hier sprake is, is in historisch perspectief de anonieme profet die door exegeten Deutero-Jesaja wordt genoemd. Zijn optreden onder de ballingen bracht voor hem klaarblijkelijk lijden en vervolging met zich mee; hij werd waarschijnlijk zelfs door de Babyloniërs terechtgesteld als politieke onruststoker” (ZENGER, E., De gewijde rede, p. 104). Cf. também CERESKO, A.R., op. cit., p. 44.

<sup>648</sup> „Und gegenüber dem Zweifel, JHWH sei nicht in der Lage sein Rettungswerk durchzuführen, argumentierten sie mit seiner Macht als Schöpfer und Chaosbeherrscher (50,2; vgl. 42,15; 51,9f)“ (ALBERTZ, R., op. cit., p. 315).

êxodo ajuda o profeta a tornar verossímeis suas palavras, dado que a situação atual do povo assemelha-se àquela do Egito: um novo ‘êxodo’ estaria prestes a acontecer.<sup>649</sup>

O ‘novo êxodo’ tem sido considerado um tema fundamental no DtIs no mundo exegético. No entanto, visto que as pretensas alusões ao êxodo ou novo êxodo jamais incluem os CSI, um estudioso se esforça para mostrar que pelo menos a linguagem do IV CSI ecoa senão a ‘saída do Egito’ como tal, pelo menos a perseguição e a condição de servidão impostas ao povo hebreu pelos egípcios.<sup>650</sup>

Entre as poucas vozes destoantes deste coro encontra-se S. Yofre, que escreveu dois artigos sobre o tema.

No primeiro, analisando os textos onde comumente se vê uma alusão a um ‘novo êxodo’ (Is 40,3-5; 41,17-20; 42,14-17; 43,1-7; 43,16-21; 48,20-21; 52,11-12; 49,7-13; 51,9-10), ele conclui que critérios crítico-literários, aplicados a textos poéticos atingem alto grau de inverossimilhança; às vezes, basta qualquer alusão à água, ao deserto ou à fertilidade para que se justifique a hipótese de um ‘novo êxodo’; outras interpretações são de tipo concordista ou parafrástica, com argumentos vagos.<sup>651</sup>

No segundo artigo, ele argumenta que nos textos aludidos, o interesse central do DtIs não está num ‘novo êxodo’, mas sim, em proclamar a capacidade de IHHW de atuar, de ajudar seu povo. É, portanto, um problema de teodicéia: mostrar que IHHW era mais forte do que as potências cósmicas, divinizadas ou dessacralizadas, e que IHHW é um Deus ativo, forte e poderoso, que não dorme, mas está revestido de

<sup>649</sup> ”In all these ways Deutero-Isaiah attempted to bridge the gap created by the apparent break ing the relationship between Yahweh and Israel and to assert a continuity between the past and the present based upon Yahweh’s unchanging lover for the people” (WHYBRAY, R. N. op. cit., p. 34).

<sup>650</sup> “Despite the number of references to the exodus and new exodus which StuhlmueUer and others list and discuss in these sixteen chapters of Isaiah, it is curious that not one the these scholars notes any references to the exodus in *any* of the four so-called Servant Songs... However, attention to some of the language of at least the Fourth Servant Song reveals echoes not so much of the actual ‘going forth’ from Egypt, but rather of the persecution and the condition of servitude imposed on the Hebrew people by the ruling elites of Egypt” (CERESKO, A.R. op. cit., p. 48).

<sup>651</sup> “Hay en los textos un vocabulario que remite frecuentemente a situaciones relacionadas con hambre, sed, calor, sequía, agua como bendición, guía por ele desierto, y detrás de ello, el poder de Yavé. Una observación más atenta da como resultado que la mención del desierto contiene siempre peculiaridades tales, que la imagen finalmente obtenida no es simplemente la dl cruce del desierto, y no ciertamente la de un segundo éxodo... Hay expresiones que solamente con un violento esfuerzo filológico encuentran sitio en la imaginería del éxodo” (SIMIAN-YOFRE, H., Éxodo en Deuteróisais, 552).

poder. É um guerreiro que vem em socorro de seu povo, que manifesta seu poder perante as forças da natureza.<sup>652</sup>

Obviamente o autor não nega que exista no DtIs, como no restante do AT, uma alusão ao êxodo, sobretudo em Is 48,20-21; 52,11-12; esses textos, porém, encontram interpretação mais satisfatória e coerente dentro da noção de teodicéia.<sup>653</sup>

## 8.2. O problema teológico central

Por mais interessante que seja e ainda que tenha ocupado tanto tempo e espaço na pesquisa, tornando-se quase uma questão de vida ou de morte para um ou outro estudioso,<sup>654</sup> o problema da identidade do Servo — de resto, até agora insolúvel — não constitui, em nossa opinião, a questão fundamental do texto. E nisto não estamos sozinhos.<sup>655</sup>

A exegese parece ter feito deste problema a questão essencial,<sup>656</sup> talvez instigada pela pergunta de At 8,34. Esta pergunta, conquanto legítima em si mesma, não deriva necessariamente da aludida passagem. Considerando-se a resposta dada pelo mesmo livro dos Atos, vê-se que a ‘verdadeira’ e ‘histórica’ identidade do Servo

---

<sup>652</sup> “La teodicea del DtIs recurre a todos los argumentos que proporcionaban el desarrollo teológico alcanzado por Israel hasta ese momento: Yavé es más fuerte que las potencias cósmicas, divinizadas o desacralizadas; Yavé es un Dios activo, fuerte y poderoso, que no duerme, revestido de poder, un guerrero que viene en ayuda de su pueblo, que saca a la batalla su propio ejército en favor de los suyos, que manifiesta su poder en tierra de aridez o frente a las corrientes de aguas poderosas. Yavé es también un Dios generoso, que da con abundancia y es pastor de su pueblo” (Id., La teodicea del Deuterocanónico, p. 69).

<sup>653</sup> Cf. Ibid., p.71.

<sup>654</sup> Este parece ter sido o caso de G. R. Driver. Segundo NORTH, C.R., *The Suffering Servant in Deutero-Isaiah. An Historical and Critical Study*, p. 1, ele teria abandonado o projeto de comentário sobre Isaías porque este problema o superava.

<sup>655</sup> “A despeito da enorme quantia de estudo investido nestes capítulos, a focalização da pesquisa foi relativamente estreita e atomizada, girando em torno de perguntas que propendem a perder as qualidades características da obra: o Dêutero-Isaías fornece a primeira declaração bíblica do monoteísmo?... Quem é o Servo de Iahweh? Não é que estas perguntas sejam sem sentido e insignificantes. Continuadas em relativo isolamento uma da outra e fora do contexto, entretanto, podem ser dadas a elas respostas muito forçadas que não esclarecem grande coisa a obra” (GOTTWALD, N.K., op. cit., p. 462).

<sup>656</sup> “The problem of Deutero-Isaianic studies has long been the identity of the servant of Yahweh” (CLINES, D.J.A., op. cit., p. 25).

era o que menos importava.<sup>657</sup> Por que deveria interessar-nos tanto assim hoje? Ademais, esta pergunta parece ser a que os estudiosos fazem ao texto, entre tantas outras possíveis, mas resta saber se é a *questão que o texto propõe*, questão que o próprio texto suscita e para a qual dá uma resposta.

Westermann foi um dos raros estudiosos que julgaram um despropósito todo o enfoque dado à identificação do Servo. Segundo ele, em princípio, a exegese não deveria deixar-se dominar pela pergunta sobre a identidade do Servo, porque precisamente isto é o que o texto não diz nem pretende dizer. A pergunta deveria ser: o que os textos nos dizem acerca daquilo que se revela ou deve revelar-se entre Deus, o Servo e aqueles a quem sua missão diz respeito?<sup>658</sup>

Nesse mesmo rumo, N.K. Gottwald propõe perguntas semelhantes:

“A pergunta heurística mais prometedora a respeito do servo verossimilmente não é *Quem* é o servo?, mas antes, o que o servo faz em relação a tudo quanto há de acontecer na libertação de Israel? Ou *Como* o servo funciona em relação às demais figuras desenvolvidas imaginativamente? Ou mesmo, *Quais* das coisas que Deus e Israel e as nações estão prestes a fazer, devem ser realizadas pelo servo?”<sup>659</sup>

A descrição dos sofrimentos do Servo, detalhada e vívida, toca a emoção e a imaginação, mas não deve também ser o foco principal da atenção, embora seja um tema dominante.<sup>660</sup> Ela pretende exatamente realçar o contraste entre a situação atual do Servo e o julgamento negativo que se faz dele, com a inaudita exaltação que o Senhor lhe concederá — o que constituirá o verdadeiro ponto central do IV CSI.

<sup>657</sup> „Auch Philippus hat ja jenem Hofbeamten nicht einfach geantwortet: ‚Der Gottesknecht von Jes 53 ist Jesus Christus‘. Sondern er hat ihm das Evangelium von Jesus verkündet, indem er bei jener Schriftstelle *anfing*“ (HERMISSON, H.-J., op. cit., p. 2).

<sup>658</sup> “On principle, their exegesis must not be controlled by the question, ‘Who is this servant of God?’... Precisely this is what they neither tell nor intend to tell us. The questions which should control exegesis are: ‘What do the texts make known about what transpires, or is to transpire, between God, the servant, and those to whom his task pertains?’ (WESTERRMAN, C., op. cit., p. 93). Cf. ainda CLINES, D.J.A., op. cit., p. 59.

<sup>659</sup> GOTTWALD, N.K., op. cit., p. 463.

<sup>660</sup> „Im vierten, offenbar im Rückblick formulierten Lied (Jes 52,13-53,112) wird das Leiden des ‚Knechts‘ zum alles beherrschenden Thema“ (DIETRICH, W-LINK, C., op. cit., p. 289).

À luz do contexto histórico exílico e pós-exílico, argumentamos, portanto, que a questão fundamental do IV CSI está contida nas duas perguntas presentes no próprio texto: “*Quem teria acreditado no que ouvimos, e a quem se revelou o braço de IHWH?*” (Is 53,1). Estas perguntas dão conta de toda a surpresa e estupor dos que se viram transportados para outro nível de compreensão, e elas carregam em si toda a riqueza e a novidade teológica contidas neste último cântico.

A surpresa e o estupor iniciais, talvez pela aflição excessiva infligida ao Servo, serão ainda mais intensos quando ao grupo-nós for revelado que o Senhor se comprazia em seu Servo assim humilhado, que estava ao seu lado, agindo com seu braço, contra todas as aparências. Deus estaria, pois, ao lado do povo exilado e sofredor? Não o teria, pois, abandonado, como este mesmo esperava, depois de ter constatado as próprias transgressões? O grupo-nós conhecerá (1) *a inaudita força do braço de IHWH*.

A esta descoberta-revelação — Deus ao lado do pobre — junta-se outra não menos desconcertante: o Servo, que carregava todos os indícios de culpa, era, na verdade, inocente. O grupo-nós, portanto, não admitia, de antemão, que o Servo fosse inocente: afinal, um inocente não poderia sofrer. Eles mesmos confessam: “Nós o tínhamos como vítima do castigo, ferido por Deus e humilhado” (Is 53,3.4b).

Certamente esta não era a primeira vez que a reflexão bíblica se embatia com o problema do sofrimento em si, ora simplesmente visto como consequência da culpa humana (Jó 36,10), ora como parte intrínseca da natureza do homem-criatura (Jó 4,17-21; 5,7; 9,2; 15,14-16; 25,4-6),<sup>661</sup> ora como uma forma de pedagogia — “Mas amarra-os (os justos) com cadeias, e são presos nos laços da aflição. Ele lhes revela seus atos, as faltas de orgulho que cometeram. Abre-lhes os ouvidos à disciplina e exorta-os a que se afastem do mal. Se escutarem e se submeterem, terminarão seus dias em felicidade e seus anos no bem-estar” (Jó 35,8-11)<sup>662</sup> —, ora simplesmente deixando-o à sombra do coletivismo antigo.<sup>663</sup>

A barganha de Abraão chegou a questionar se o esmagar o inocente com o culpado era algo compatível com o juiz de toda a terra, e colocou a possibilidade de

<sup>661</sup> Cf. ZENGER, E. op. cit., p. 307.

<sup>662</sup> “Quanto a mim, repreendo e educo todos os que amo” (Ap 3,19); cf. Sl 94,12; Jó 5,7.

<sup>663</sup> Cf. GUNKEL, H., op. cit., p. 204.



os méritos do inocente redundarem em benefício dos culpados. O texto de Is não somente admite que o inocente padeça, mas que estes mesmos sofrimentos, e não os possíveis méritos do justo, resultem em bem-estar para os verdadeiros culpados. O IV CSI é, portanto, o único texto do AT que ousa postular um sentido vicário para (2) o *sofrimento do inocente*: este seria o segundo ponto da extraordinária revelação de IHHW ao grupo-nós.

A força do braço de IHHW, que fará o grupo-nós adquirir uma visão diferente da vida e das vicissitudes do Servo, bem como das próprias, operará neles uma (3) *radical mudança de mentalidade*.

### **8.2.1. A inaudita força do braço de IHHW**

Em meio à crise de fé do povo, o profeta esforçou-se para mostrar-lhe que ele tinha razões para continuar a crer e esperar. Mas, de que forma Deus se revelara mais poderoso do que os deuses pagãos? Onde se poderia perceber a força e atuação de seu braço? Precisamente onde eles menos esperavam: nas vicissitudes da vida do Servo e, como o outro lado da medalha, nas contingências da vida do próprio povo.

Enquanto o grupo-nós não via nenhum sinal da presença de Deus na situação deplorável do Servo, o profeta já mostrava que o Servo, por sua vez, acreditava que Deus estava ao seu lado: “O Senhor IHHW virá em meu socorro” (Is 50,7). Com efeito, este significado positivo do sofrimento do Servo/Israel só foi reconhecido mediante a constatação de que IHHW se voltara para seu Servo, libertou-o da ‘morte’ e o restaurou, pois somente o fato de um povo tido como morto ter voltado à vida despertaria a admiração e o reconhecimento crítico de outros povos.<sup>664</sup>

---

<sup>664</sup> „Diese positive Bedeutung des Leidensgeschicks Israels wurde nun aber erst daraus erkennbar, daß JHHW sich eindeutig seinem Knecht zugewandt hatte, ihn aus seinem ‚Tod‘ wiederbelebte und wiedererstarken ließ (Jes 53,10; vgl. Ez 37,1-15). Denn erst die Tatsache, daß ein totgeglaubtes Volk wieder zum Leben erwachte, rief das Erstaunen und die kritische Selbsterkenntnis der anderen Völker hervor“ (ALBERTZ, R., op. cit., p. 318-319).

No IV CSI, o v. 10, com um *waw* adversativo, como nos salmos de lamentação, atinge seu ponto decisivo. Embora textualmente corrompido, pode ser traduzido por: “IHWH comprouve-se de seu humilhado”. O que significa isto senão que IHWH esteve todo o tempo ao lado do Servo?

Já observamos que desde o início o Servo “subiu diante dele” (לְפָנָיו), e que a imagem do renovo não precisa necessariamente estar ligada ao abandono e à desolação. Quem se acha “diante de Deus”, sob seu olhar, sempre sobe, jamais é pequeno, ainda que assim o pareça aos olhos dos outros. Somente a partir da perspectiva destes últimos é que se justificaria a pretensa correção textual “diante de nós”. Porém, o impacto da descoberta da grandeza do Servo só é intenso porque o grupo-nós descobre que o Servo é grande diante de Deus, e não porque pequeno aos olhos deles, o que era evidente.

Esta descoberta seria, portanto, uma parte do anúncio inaudito e inacreditável: o oráculo inicial de IHWH (52,13-15), ao apresentar o Servo como alguém que terá êxito, será grande e exaltado. Ninguém jamais poderia pensar que o braço de IHWH fosse tão poderoso e que agisse em favor de alguém tão miserável,<sup>665</sup> e que através dele, estendesse seus benefícios a outras pessoas. Esta bênção, advinda mediante alguém aparentemente amaldiçoado por IHWH, constituirá a terceira parte do grande e inacreditável anúncio ao grupo-nós, que perceberá seu alcance mediante uma profunda transformação em seu modo de pensar.

### **8.2.2. A noção de substituição vicária**

Como o grupo-nós chegou à conclusão de que o Servo sofria vicariamente por ele? Ou melhor, como o(s) autor(es) de Is 53 chegaram a esta visão da existência do Servo como substitutiva e anuladora de culpas?

---

<sup>665</sup> « Nous n’aurions jamais pu penser, poursuivent les foules, que le bras du Seigneur Yahweh d’une part soit si puissant et d’autre part ait déployé sa puissance en faveur d’une peuple aussi minable » (BONNARD, P.-E., op. cit., p. 272).

A fim de explicar a noção bíblica de substituição vicária, tem-se apontado para diversos ritos e idéias das religiões orientais e da religião do próprio Israel, dos quais derivaria mais ou menos a concepção presente no IV CSI.<sup>666</sup>

### 8.2.2.1. No Oriente Próximo

Dentre os ritos de origem extra-bíblica, três são comumente citados:

1. A aparição do rei babilônico na festa do ano novo. Diz-se que o rei, como portador dos pecados do povo, se prostrava perante o sacerdote, que assim absolvía o povo representado pelo rei. No entanto, segundo G. Fohrer, nenhum texto babilônico fala de assunção de pecados do povo pelo rei ou de remissão mediante seu gesto.<sup>667</sup>

2. A nomeação de um rei-de-fachada por determinado tempo, quando alguma ameaça pairava sobre o verdadeiro regente. A partir de documentos assíricos (670 a.C.), depreende-se que, por receio de maus presságios durante eclipses lunares ou solares, costumava-se entronizar um cidadão qualquer, até que o tempo dos presságios se escoasse, a fim de atrair sobre si as temíveis conseqüências, enquanto o rei, oculto sob o apelido de “camponês”, submetia-se a estritos rituais num lugar ignoto. Se as trevas deveras se verificassem, o rei substituto seria morto violentamente, a fim de que se cumprisse o presságio; caso contrário, permaneceria no cargo durante cem dias, tempo suficiente para assegurar-se de que o perigo passara.<sup>668</sup>

O rito de substituição do rei era um caso particular já bastante difuso, de forma adaptada, na antiga Mesopotâmia, encontrado sobretudo nos exorcismos de doenças, nos quais um animal era morto em substituição da vida ameaçada do doente. Com

<sup>666</sup> „Als Brücke ist für die Stellvertretung eines für andere hinsichtlich Schuld und Unheil auf hethitische, mesopotamische und aus Israel auf kultische und prophetische Vorstellung verwiesen worden“ (STECK, O.H., *Gottesknecht...*, p. 38).

<sup>667</sup> „Jedoch spricht kein babylonischer Text von der Übertragung der Sünden des Volkes auf den König und von ihrer Sühnung durch ihn“ (FOHRER, G., *Stellvertretung...*, p. 36).

<sup>668</sup> Cf. *Ibid.*, p. 36.

isso, identificava-se o animal com a pessoa, como o rei substituto identificava-se com o verdadeiro.<sup>669</sup> De qualquer maneira não se trata de substituição vicária, mas de mera identificação virtual, mágica entre um original e uma cópia: esta toma o lugar daquele, assume-lhe o destino, enquanto aquele permanece intacto.

Obviamente, no ritual de substituição não se pedia a anuência do substituto nem este sabia que futuro o aguardava, de modo que não se pode falar de espontaneidade de sua parte. Ademais, o rito era completamente independente da conduta moral seja do rei, seja do substituto: seu efeito provinha da força da própria magia.

A morte do rei substituto visava à proteção do verdadeiro rei, o que poderia oferecer uma semelhança superficial com o Servo de IHHW. No entanto, a morte do substituto era tão somente uma medida de proteção, de modo que se acham mais diferenças do que semelhanças entre o Servo e o rito do rei substituto.<sup>670</sup>

3. O rito do bode expiatório. Este rito tem sua origem no Sudeste da Anatólia e no Norte da Síria, tendo-se espalhado pela Síria-Palestina e pelo antigo Mediterrâneo. O objetivo era afastar geograficamente, do âmbito do convívio humano ao domínio da esterilidade (o deserto), — mediante um “portador-de-malefício ritual” (homem ou animal) — um malefício entendido materialmente.

Diferentemente do rito anterior — substituição —, no qual o substituto assumia o infortúnio até a morte ritual, este é um rito de eliminação: trata-se exclusivamente do distanciamento espacial do infortúnio, enviado de volta à sua terra de origem.<sup>671</sup>

Após analisar esses três tipos de ritos, G. Fohrer chega à conclusão de que nenhum deles contribui significativamente para a compreensão da idéia de substituição vicária, e por isso, volta seu olhar para Israel, embora reconheça que não encontrará muita coisa.<sup>672</sup>

É oportuno mencionar aqui também os sacrifícios de criança ao deus Molec — prática comum no Oriente Antigo — condenados pela Bíblia (Gn 22; Lv 20,2ss; Dt

<sup>669</sup> Cf. *Ibid.*, p. 37.

<sup>670</sup> „Wir treffen demnach immer wieder auf Unterschiede zwischen Ersatzkönig und Knecht Jhwshs anstatt auf Ähnlichkeiten“ (*Ibid.*, p. 38).

<sup>671</sup> Cf. JANOWSKI, B., *Stellvertretung*, p. 34-35.

<sup>672</sup> „Erbringen die altorientalischen Religionen für die Stellvertretungsvorstellung so gut wie nichts, so müssen wir in Israel Umschau halten, obwohl dort der Ritus des Versöhnungstages auch schon ausfällt. Doch vielleicht gibt es wenigstens israelitische Anregungen oder Vorformen für das

12,30ss; 2Rs 16,3; 17,31 etc.).<sup>673</sup> Gn 22, além de ser um libelo contra tal prática, pode ser lido também, num nível mais profundo, como um sacrifício do próprio Abraão: ao dispor-se a doar seu filho ao Senhor, ele doa a si mesmo, sempre em consonância com sua atitude obediencial (cf. adiante, 10.2.2.3.).

### 8.2.2.2. Em Israel

A noção de substituição ou representação não era tão estranha assim ao AT; ao contrário, encontrava-se nos âmbitos vitais e nocionais do antigo Israel: na realeza, na antropologia, na profecia e no culto.<sup>674</sup>

Podem-se individuar três modelos de substituição: a) intercessão, b) representação e c) assunção da culpa.

a) *Intercessão* — tanto no AT quanto no judaísmo pós-bíblico fala-se de grandes intercessores, tais como Abraão, Moisés, Elias, Eliseu, Samuel etc., os quais, em razão de seus plenos poderes, mediante palavras ou ações, às vezes, arriscando até a própria vida, intervêm junto a Deus em prol de um indivíduo ou comunidade achados em situação culposa irreparável diante de Deus. A intercessão profética significa: buscar o fracassado onde ele se encontra entregue a si mesmo, colocar-se ali à disposição e ajudá-lo com a convivência, quando ele se encontra no fim.<sup>675</sup>

---

stellvertretende Leiden im Leben des ‚Knechtes Jhwhs. Um es gleich zu sagen: Es findet sich nicht viel“ (FOHRER, G., op. cit., p. 39).

<sup>673</sup> Exemplo clássico desse costume temos em 2Rs 3,27. Não obstante condene os sacrifícios humanos, a Escritura traz ainda uma passagem que atesta possivelmente essa prática: Jz 11,29-40. Jefte, por causa de um voto que fizera a Ihwah — caso vencesse os amonitas, ofereceria em holocausto quem saísse primeiro da porta de sua casa e lhe viesse ao encontro —, não poupa a própria filha: “Decorridos os dois meses, retornou a seu pai e ele cumpriu o voto que fizera” (v. 39).

<sup>674</sup> „Der Stellvertretungsgedanke und seine verschiedenen Bedeutungsaspekte (Repräsentation, Interzession, Lebenshingabe, Schuldübertragung/-übernahme, Ersatz) findet sich in zentralen Lebens- und Vorstellungsbereichen des alten Israel: in Königtum und Anthropologie, in Prophetie und Kult“ (JANOWSKI, B., op. cit., p. 27).

<sup>675</sup> „Wenn Stellvertretung heißt, ‚den Versagenden an der Stelle aufzusuchen, wo es um ihn als ihn selbst geht, um dort für ihn zu sein und ihm durch Mitleben zu helfen, wo er am Ende ist‘, dann gilt dies besonders für die prophetische Interzession“ (JANOWSKI, B., op. cit., p. 30).

Um dos textos mais significativos é Êx 32,32, quando Moisés intercede junto a Deus pelo povo, dispende-se até mesmo a ser riscado do livro da vida, conquanto Deus perdoe a ofensa do povo — “Este povo cometeu um grave pecado ao fabricar um deus de ouro. Agora, pois, se perdoasses o seu pecado... Se não, risca-me, peço-te, do livro que escreveste”.

Embora o texto seja considerado um acréscimo a Êx 32,<sup>676</sup> há quem enxergue em sua ênfase sobre a íntima ligação entre intercessão e sofrimento a raiz mesma da idéia de substituição vicária no AT.<sup>677</sup>

b) *Representação* — Segundo a antropologia veterotestamentária, o ser humano é criado “à imagem de Deus” (Gn 1,26.27), não uma semelhança qualitativa, mas como representante funcional de Deus no domínio dos animais:<sup>678</sup> ”Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra”. “O homem realiza uma função representativa... Visto tratar-se de uma potestade vicária, que o homem exerce em nome de Deus, o senhorio humano inclui a solicitude pelo assenhoreado”.<sup>679</sup>

Os profetas, por sua vez, podiam agir de forma a representar IHHW, como no caso de Oséias, que desposa uma mulher adúltera (Os 3), para indicar o tipo de relacionamento entre Deus e o povo.

Existia também a idéia de que um indivíduo pudesse personificar uma comunidade, agir em prol dela ou sofrer por ela — tarefa primária do rei como representante do povo (por ex., Is 10,5-15). Por causa da culpa do povo, IHHW se irrita contra Moisés e não o deixa entrar na terra prometida (Dt 3,26s — Nm 20,12 e Dt 32,51 atribuem o castigo à própria falta de Moisés). Jeremias renuncia ao matrimônio e aos filhos, aos ritos fúnebres e à participação em festas a fim de simbolizar a triste sorte dos judeus (Jr 16,1-9). Por seu turno, Ez, deitar-se-á durante

<sup>676</sup> „Doch das ist nur eine einmalige kurze Bemerkung in einem Abschnitt, der in verhältnismäßig junger Zeit an Ex 32 angefügt worden ist“ (FOHRER, G., op. cit., p. 24).

<sup>677</sup> Cf. JANOWSKI, B., *Stellvertretung*, p. 38.

<sup>678</sup> Cf. *Ibid.*, p. 32-33.

<sup>679</sup> MARTORELL, J.R., Adão e Eva: o drama do ser humano, p. 29. In AA.VV., *Personagens do Antigo Testamento*.

diversos dias, ora sobre o lado esquerdo, ora sobre o direito, a fim de indicar a duração do exílio (Ez 4,4-8).<sup>680</sup>

c) *Assunção da culpa* — A transferência das impurezas de Israel para o assim chamado bode expiatório e sua conseqüente entrega a Azazel, o demônio do deserto no Dia da Expições (Lv 16).

A redação do Lv, na verdade,

...combina dois rituais de espírito e épocas diferentes: um sacrifício de expiação e o rito do envio do bode a Azazel. Este rito, de caráter arcaico, foi integrado em prescrições propriamente levíticas. Esta integração, longe de ser um sinal de antiguidade, foi feita numa época em que um desejo crescente de pureza ritual fez multiplicar os casos de impureza e fez legitimar toda sorte de ritos de purificação. Realmente, a grande festa do Dia das Expições não parece ser anterior ao Exílio, pois nenhum texto antigo faz alusão a ela.<sup>681</sup>

Embora não se possa rejeitar *a priori* a possibilidade de que um conceito totalmente novo possa surgir no campo da revelação, rompendo certas tradições, os textos aludidos querem mostrar que a idéia de substituição vicária não surgiu do nada, mas tem raízes profundas na vida e no pensamento de Israel.

No entanto, é importante lembrar que, segundo o sentimento de justiça bíblico-israelita, fundamentalmente o inocente não deveria ser penalizado por culpas alheias; isto só acontecia em situações especialmente trágicas.<sup>682</sup> Conhecia-se, isto sim, a solidariedade da responsabilidade coletiva — nos casos de epidemia, guerra, por exemplo, — mas, então, não se tratava de substituição vicária.<sup>683</sup>

<sup>680</sup> Cf. FOHRER, G., op. cit., p. 39.

<sup>681</sup> BJ, nota b.

<sup>682</sup> „Unschuldige im Alten Testament nur in besonderen, als tragisch zu bezeichnenden Konstellationen an die Stelle von Schuldigen traten, um deren Schuld zu büßen. Grundsätzlich durften nach dem biblisch-israelitischen Rechtsempfinden Unschuldige nicht für die Schuld anderer belangt werden“ (SCHENKER, A., op. cit., p. 59).

<sup>683</sup> „Was das Alte Testament dagegen kennt, ist eine Schuld, für die aus bestimmten Gründen auch Schuldlose gemeinsam mit den eigentlichen Schuldigen zu kollektiver Verantwortung gezogen werden. In solchen Fällen findet indessen keine Stellvertretung im Sinne eines Tausches der Rollen statt, so daß Unschuldige den Platz von Schuldigen einnehmen, sondern die Haftung der Verantwortlichen dehnt sich auch auf solche aus, die für das getane Unrechte direkt keinerlei Verantwortung tragen, aber in bestimmter Weise zu diesen Schuldigen gehören“ (Ibid., p. 59).

Daí, é forçoso admitir que o oráculo sobre o servo deveras contém algo jamais contado, nunca ouvido, e que tal pensamento tenha sido expresso pelo autor do oráculo de forma singular e talvez única.<sup>684</sup>

O.H. Steck tenta uma razoável reconstrução hipotética de como possa ter surgido esta visão teológica em Is 53: no início estaria a figura do Servo de IHWH, conforme descrita em Is 53,2s.4ba; tem-se a experiência de sofrimento, até mesmo de morte do Servo, que anula toda a ação do Servo e contradiz as afirmações dos primeiros cânticos. O prometido socorro não veio (contra 50,8), a palavra do Servo não teve efeito sobre as nações (contra 42,1-4; 49,1-3.6), nem sobre Israel (contra 49,5s; 50,4-5a), IHWH não socorreu o Servo nem lhe defendeu a causa (contra 50,9); ele próprio é um caniço rachado e uma chama prestes a esvair-se (contra 42,4),<sup>685</sup> sem recompensa nem glória de IHWH (contra 49,3b.4b.4b). Uma explicação para este estado de coisas poderia ser buscada, por exemplo, nos Salmos nos quais o orante recebe, efetivamente, o castigo de IHWH (Sl 38; 39; 88; 102).<sup>686</sup>

No entanto, percebe-se um distanciamento desta visão já no oráculo inicial de IHWH, que fala do êxito e da elevação futuros do Servo. Isto provoca uma mudança de mentalidade não somente com relação ao êxito de sua missão, mas acima de tudo no que diz respeito ao caminho de sofrimento e morte do Servo.<sup>687</sup>

<sup>684</sup> „Letztlich müssen wir wohl sagen, daß Jes 52,15 die Lage richtig gesehen hat: Was in dem Knecht-Jhwh-Spruch gesagt wird, ist Nieerzähltes und Niegehörtes! Es besteht keine wirkliche Parallele und kein Vorbild für diese Vorstellung von der Stellvertretung durch das Leiden im Leben des Knechtes. Der Gedanke ist von dem Verfasser des Spruchs offenbar erstmalig und — wenn man von der Anspielung in Ex 32,32 absieht — einmalig geäußert worden“ (FORHER, G., op. cit., p. 40).

<sup>685</sup> „Alles machte ihn zu einem Verfluchten, den man nur beiseite schaffen konnte. Denn Gott kam ihm ja nicht zu Hilfe. Daraus schien zu folgen, dass der Knecht von Gott selbst verworfen worden wäre... Bei ihm wurde das geknickte Rohr ganz zerbrochen und der glimmende Docht ausgetreten“ (SCHENKER, A., op. cit., p. 68).

<sup>686</sup> Cf. STECK, O.H., *Gottesknecht...*, p. 39.

<sup>687</sup> „[Diese Abkehr] ruft ein Umdenken nicht nur hinsichtlich des Gelingens seiner Aufträge, sondern vor allem hinsichtlich des Leidensweges und Todes des Ebed hervor“ (Ibid., p. 40).



Aqui, a simples lógica dos salmos de lamento contra o inimigo — se alguém é inocente, IHHW salvá-lo-á e aplicará contra os causadores do mal toda a consequência de suas ações; se o orante não for salvo é porque não era inocente — cai por terra, pois o Servo é inocente e mesmo assim padeceu sem salvação, frustrando as expectativas de tais salmos, bem como as do III CSI e das confissões de Jeremias.

Destarte, irrompe uma reflexão teológica nova:<sup>688</sup> não se trata do destino de um justo qualquer, mas do de um alto mandatário de IHHW, confirmado contra todas as aparências. Portanto, IHHW é visto como o causador da situação do Servo:<sup>689</sup> o sofrimento é a tarefa que IHHW lhe confia, e sua qualidade de inocente, sua execução. O lugar que o sofrimento na missão do Servo ocupa aqui não encontra paralelo nem nos demais cânticos, nem nos outros oráculos, pois o Servo não sofre apenas inocentemente, ele sofre vicariamente, ou seja, pelos demais.<sup>690</sup>

É possível, pois, interpretar o IV CSI como comentário ao III, especialmente no que diz respeito à missão do Servo perante as nações (cf. 49,6 e 52,10). Em sua ‘apagada’ existência, em seu indizível sofrimento, em seu fim vergonhoso, Israel carregou vicariamente os pecados das nações. Desta forma, o autor do IV CSI, num olhar retrospectivo, procura dar uma profunda interpretação do exílio do povo, destino que adquire um sentido positivo no âmbito da história universal.<sup>691</sup>

<sup>688</sup> „Die Aussagen von Jes 53, wonach ein Mensch in seinem Leidens- und Todesweg durch Gottes Vorhaben (53,6.10) beauftragt ist, Schuld und Strafe anderer, Israels auf sich zu übertragen und als Unschuldiger so deren Vergehen-Ergehen-Zusammenhang an sich zur völlig Auswirkung kommen zu lassen, so daß die anderen von Schuld und Strafe befreit Heilszugang haben, diese Aussage ist singular“ (Ibid., p. 41, nota 62).

<sup>689</sup> „Dem entspricht es, daß die ‚Plage‘ nicht von Menschen verursacht ist, sondern von der Seite Gottes kommt... Der Ebed war — nach Auffassung der ‚Vielen‘ — von einem Schlag getroffen, wie ihn nur ein Gott führen kann: Krankheiten werden nicht von Menschen bewirkt“ (KUTSCH, E., op. cit., p. 179).

<sup>690</sup> „The servant suffers not just innocently, but *for* someone else’s iniquity. This is an altogether new element in the portrait of the servant. The place given to suffering in the servant’s mission in this song is without parallel either in the other songs, or outside them in the surrounding oracles” (WILCOX, P., op. cit., p. 96). „Aber inzwischen ist dem, der dieses Klagelied schreibt, das Urteil über den Leidenden offenbar gründlich unsicher geworden. Etwas ganz Unwahrscheinliches dämmert auf: es könnte dieses Leiden ein *Leiden im Amt* gewesen sein. Es könnte Gottes eigene Sache diese Gestalt gehabt haben mitten unter den Menschen... Dieses Leiden ist Amt und Auftrag Gottes selbst. Gott bringt seine eigene Sache durch diesen Einsamen voran. Gott sorgt dafür, daß dieses Leiden nicht sinnlos verhältet, sondern er macht es zu seinem eigenen Wort, zu seiner eigenen Entscheidung, zu seiner eigenen Sache“ (FISHCER, M., Vom leidenden Gottesknecht“, p. 121 e 122-123).

<sup>691</sup> „Durch diesen redaktionellen Bezug insbesondere auf 49,6, und den Stichwortbezug auf 52,10 ist ein ziemlich sicherer Schlüssel zum Verständnis des ‚Liedes‘ gegeben: Es geht um eine

IHWH, portanto, incumbe-lhe um destino no qual a relação pecado-castigo de outros se executa plenamente nele, com o único fito de libertar aqueles de tal relação. Visto desta forma, o Servo assume o destino culpa-castigo dos inimigos dos Salmos, enquanto Israel, mediante este gesto, alcança a posição do orante salvo e inocente.<sup>692</sup>

Como *terminus a quo*, esta noção teria sua origem na crise que se instaurou em 587 a. C., e na tentativa de lidar com ela: a substituição vicária seria uma nova categoria a explicitar o relacionamento entre IHWH e Israel.<sup>693</sup>

### 8.2.2.3.

#### A oferta do Servo como substituição vicária

Como as demais interpretações do IV CSI, também o postulado da substituição vicária encontra seus críticos. Segundo Whybray, que interpreta o servo individualmente — este seria o próprio DtIs —, o referido texto não fala de substituição vicária, o que traria ainda maiores dificuldades numa interpretação individual. A idéia de um inocente que sofre a morte a fim de libertar culpados seria não apenas inaudita e de uma inexplicável inovação, como também seria contrária aos princípios de justiça constantemente reiterados no AT.<sup>694</sup>

---

Neuinterpretation der universalen Funktion des Knechtes gegenüber den Völkern... In seiner von Anfang an unscheinbaren Existenz, in seinem schändlichen Untergang hatte Israel stellvertretend auch ihrer alle Sünden getragen (53,4-6). Es hat stumm und ergeben die Sünderlast der ganzen Welt auf sich genommen, die JHWH auf des konzentriert hatte, und so ihnen unverdient gute Lebensmöglichkeiten verschafft. Auf diese Weise suchte der Autor des vierten Liedes aus dem Rückblick heraus dem Exilsschicksal seines Volkes eine tiefsinnige Deutung zu geben, die ihm erstmals einen positiven Sinn im Rahmen der Weltgeschichte verlieh“ (ALBERTZ, R., op. cit., p. 318).

<sup>692</sup> „Jahwe ist es also, der den Ebed beauftragt zu einem Schicksal, in dem der Vergehen-Ergehen-Zusammenhang anderer zur völligen Auswirkung kommt, was nur den Sinn haben kann, diese anderer von jenem Zusammenhang völlig zu lösen... So gesehen hat dieser Ebed fremdverursacht gleichsam das Vergehen-Ergehen-Schicksal der Feinde in den Feindpsalmen auf sich genommen, während Israel dadurch in die Stellung des geretteten Beters ohne Schuld gelangt ist“ (STECK, O.H., op. cit., p. 42).

<sup>693</sup> „Die Wendung dürfte demnach so etwas wie eine Deutekategorie für das JHWH-Israel-Verhältnis sein, die ihren Ursprung in der Krise von 587 v. Chr. und deren Bewältigung hatte“ (JANOWSKI, B., op. cit., p. 36).

<sup>694</sup> “If on the other hand this passage is interpreted as referring to a historical individual whose death is regarded as bringing atonement for the sins of others, the difficulties are even greater. The concept of an innocent person’s suffering the death penalty so that the guilty might go free would not only be an

Identificando o grupo-nós com os exilados judeus do séc. VI, ele diz que “são companheiros-êxules do profeta-servo e, portanto, eles próprios não estão de forma alguma livres das aflições e do castigo divino. Que pecados adicionais poderiam existir, além daqueles da nações pelos quais o castigo já estava sendo padecido por todos os exilados, pelos quais o Servo estaria sofrendo vicariamente?”<sup>695</sup>

O autor argumenta que o servo não sofria no lugar dos outros, mas por causa de sua vocação especial, sofria mais intensamente do que os demais, e num sentido mais literal. O fato de tantos exegetas e teólogos terem incorrido no erro de interpretar essa passagem como sofrimento vicário deve-se à “história da doutrina cristã e à tendência da exegese cristã tradicional de interpretar o Antigo Testamento cristologicamente, sempre que possível. Uma vez surgida a idéia, na igreja primitiva, de que Jesus era o Servo de quem a segunda metade do livro de Isaías fala, bastou um passo adiante para interpretar Is 53 como previsão ou prefiguração dos sofrimentos expiatórios de Jesus. O tema do sofrimento vicário foi, assim, lido retroativamente em Is 53 a partir da teologia cristã da expiação”.<sup>696</sup>

A tese de Whybray, porém, em parte só se sustenta se a identificação do grupo-nós com os exilados se mantiver; contudo, tal identificação, assim como para a questão da identidade do servo, está longe de encontrar unanimidade entre os estudiosos, conforme vimos acima.

---

unheard of and inexplicable innovation, but would also be contrary to the principles of justice constantly reiterated in the OT” (WHYBRAY, R.N., op. cit., p. 171).

<sup>695</sup> WHYBRAY, R.N., *Thanksgiving for a Liberated Prophet*, p. 58. “The speakers, who refer to themselves throughout as ‘we’, are a group of the prophet’s fellow-exiles, possibly an intimate group of his disciples, though they speak for the whole exilic community” (Id., *Isaiah 40-66*, p. 171)

<sup>696</sup> WHYBRAY, R.N., *Thanksgiving...*, p. 75. “All these difficulties are removed, however, when it is realized that the supposed resurrection are illusory, due partly to a misunderstanding of the language of a particular kind of religious poetry and partly to the determination of Christian interpreters to find here a prefiguration of the suffering, death and resurrection of Christ” (WHYBRAY, R.N., *Isaiah...*, p. 171-712).

O problema de fundo, porém, não é tanto a identidade do grupo por quem o Servo sofre substitutivamente, mas a noção mesma de substituição vicária. Entre nós, não se trata de uma idéia estranha, embora seja uma formulação conceitual bastante recente, surgida no decurso do século XVIII e começos do séc. XIX. Lutero, por exemplo, conhecia o conceito, mas não a palavra (*Stellvertretung*).<sup>697</sup> Atualmente, a representação ou substituição por procuração é conceito corrente na linguagem política, social e jurídica.<sup>698</sup>

A questão que se põe à substituição ou representação é quanto ao conteúdo teológico específico da substituição vicária e seus limites. Os que se opõem a esta idéia diriam que alguém pode tomar meu lugar na sociedade como tutor, procurador ou representante (*broker*). Estas seriam formas de substituição que funcionam diariamente em nossa vida privada e pública.<sup>699</sup> Mas, alguém pode assumir minhas culpas pessoais? E eu, posso ser substituído por outro em minhas culpas?<sup>700</sup> A culpa, em sentido jurídico ou moral, segundo a concepção moderna, não pode ser passada a outrem. A substituição vicária fracassaria no caso da culpa porque esta se colaria insubstituivelmente ao eu.<sup>701</sup>

<sup>697</sup> „Das deutsche Abstraktum ‚Stellvertretung‘ ist erst spät entstanden, und zwar im Lauf des 18. Jahrhunderts im Zusammenhang der sozinianischen Kritik an der Satisfaktionslehre der altprotestantischen Orthodoxie. Luther hat es noch nicht gebraucht, sondern die mit ihm gemeinte Sache verbal umschrieben“ (JANOWSKI, B., *Er trug unsere Sünden*, p. 3-4).

<sup>698</sup> „Stellvertretung ist spätestens seit dem 19. Jahrhundert aber auch ein Begriff der politischen, sozialen und juristischen Sprache. Daß einer ‚an die Stelle‘ des anderen treten kann, ist im Bereich von Beruf, Politik und Recht eine Selbstverständlichkeit“ (JANOWSKI, B., *Stellvertretung*, p. 14).

<sup>699</sup> „Zwar kann, so lautet der Einwand der Kritik, ein anderer meinen Platz in der Gesellschaft freihalten, indem er mich als Vormund, als Anwalt oder — im staatlichen Kontext — als Repräsentant gegenüber anderen vertritt. All das sind Stellvertretungsbeziehungen, die in unserem privaten und öffentlichen Leben täglich funktionieren“ (JANOWSKI, B., *Er trug...*, p. 21; cf. HAAG, E., *Stellvertretung...*, p. 2).

<sup>700</sup> „Dieses Axiom von der Unvertretbarkeit des einzelnen ruft die Frage nach dem spezifisch theologischen Gehalt des Stellvertretungsmotivs wach: Kann mir ein anderer meine persönliche Schuld abnehmen, und kann ich in meiner Schuld von einem anderen vertreten werden?“ (B. JANOWSKI, *Stellvertretung*, p. 17).

<sup>701</sup> „Probleme ergeben sich hingegen bei der Frage nach den Grenzen der Stellvertretung. Eine dieser Grenzen liegt offenbar darin, daß Schuld im rechtlichen und moralischen Sinn nach neuzeitlicher Auffassung nicht auf einen anderen übertragen werden kann, der sich stellvertretende trägt oder erleidet“ (Ibid., p. 17). „Eine Stellvertretung in Sachen ‚Schuld‘ scheitert daran, daß die Schuld dem Ich anhaftet und keiner dem anderen sein Ich abtreten kann“ (Id., *Er trug...*, p. 21; cf. HAAG, E., op. cit., p. 2).

Contudo, Janowski atribui a dificuldade da não aceitação da substituição vicária ao pressuposto filosófico da insubstituibilidade do sujeito, já preconizada por Kant: enquanto o sujeito estabelece sua própria medida de responsabilidade, a culpa cola-se-lhe e nada nem ninguém pode retirá-la.<sup>702</sup> A questão da substituição vicária, porém, é uma realidade que ultrapassa a razão.<sup>703</sup>

Biblicamente falando, uma pessoa torna-se culpada através de suas ações, e esta culpa é por Deus tirada. Não se trata de nenhuma frustração no confronto com expectativas ou esperanças que determinadas convenções depõem em mim; não é um problema moral, portanto, mas o resultado da tentativa de viver em contradição com a criação. A experiência de culpabilidade bíblica é a impossibilidade de não mais poder prosseguir, com as próprias forças, pois a culpa, que amarra o culpado ao passado, é pesada demais e torna a vida insuportável. Aqui surge o problema da substituição.<sup>704</sup>

A pergunta é se existe alguém que se identifique conosco nesta situação, que se interponha entre nós e nosso passado e nos torne aceitáveis para Deus e para o mundo (conseqüentemente para nós mesmos), não a fim de que algum tempo mais tarde cheguemos tão longe que possamos nós mesmos assumir tal posição, mas a fim de que jamais sejamos conduzidos a ela.<sup>705</sup>

---

<sup>702</sup> „Die Schwierigkeiten mit dem Stellvertretungsgedanken kommen hier von einer bestimmten Auffassung des Menschen, nämlich vom Axiom der *Unvertretbarkeit des Subjekts* her: Solange das Subjekt seine eigne Verantwortungsmaßstäbe setzt, verbleibt auch die Schuld bei ihm und kann durch nichts und niemanden abgenommen werden“ (B. JANOWSKI, *Er trug unsere Sünden*”, 3”.

<sup>703</sup> Cf. HUBER, W.–REUTER, H.-R., *Friedensethik*, p. 272.

<sup>704</sup> „Wir müssen nur sehen, daß die biblische Überlieferung andere Wege geht und ihr Problem anders gestellt ist. ‚Thesenhaft formuliert: Schuldig wird ein Mensch durch das, was er tut, und diese Schuld wird durch Gott aufgedeckt. Sie ist kein Versagen gegenüber Ansprüchen und Erwartungen, die bestimmte Konventionen an mich richten, also kein moralisches Problem, sondern... das Ergebnis des Versuchs, im Widerspruch zur Schöpfung zu leben‘. Die biblische Schuld erfahrung ist die Not, aus eigener Kraft nicht mehr weiter zu können, weil die Schuld, die den Schuldigen bei der Vergangenheit festhält, zu schwer ist und das Leben unerträglich macht. Hier bricht das Problem der Stellvertretung auf“ (JANOWSKI, B., *Er trug...*, p. 21).

<sup>705</sup> Cf. *Ibid.*, p. 22.

A solidariedade no bem e no mal é algo atestado em outros livros bíblicos: no Decálogo, tanto os pecados quanto a justiça dos pais perduram nas gerações subseqüentes (Êx 20,5-6; Dt 5,9-10). Abraão dera um passo além muito importante ao postular o perdão dos culpados por causa do mérito dos inocentes (Gn 18,23-32). Quanto à solidariedade, pois, o Dêutero-Isaías não se acha sozinho. Aliás, conforme o mesmo Janowski, o tema da substituição vicária não aparece somente no quarto cântico, mas já na escolha de IHWH no primeiro cântico. Trata-se de uma representação dupla: o servo profético representa a *mispat* IHWH, com todas as conseqüências, perante as nações (Cânticos I-II) e perante Israel (Cântico III), e ele reconduz o “servo” Israel para IHWH — algo que o “servo” só reconhecerá posteriormente (53,4-6; 11-12).<sup>706</sup>

Respeitante à revolucionária idéia de que o inocente pudesse sofrer, contrariando a tradicional doutrina da retribuição, ela não é uma novidade exclusiva do Dêutero-Isaías: o livro de Jó é o libelo mais eloqüente da falsidade, ao menos parcial, da doutrina da retribuição. Aquilo que deveras constitui uma novidade absoluta no Dêutero-Isaías é o valor salvífico dos sofrimentos do Servo em prol dos culpados; o fato de ele sofrer, vicariamente, em substituição àqueles que mereciam o castigo.<sup>707</sup>

Destarte, pelo simples fato de concepções bíblicas não serem imediatamente compreensíveis ao pensamento posterior não se vê razão suficiente para substituí-las por outras; a questão é tornar a linguagem tradicional acessível ao pensamento atual, mantendo vivo o seu sentido.<sup>708</sup>

<sup>706</sup> „Im Licht dieses Sachverhalts wird auch deutlich, daß die Stellvertretung des Gottesknechts nicht erst im vierten EYL, sondern bereits mit der Erwählung durch JHWH im ersten EYL“ (Id., *Stellvertretung...*, p. 77).

<sup>707</sup> “The vicarious suffering of the Servant has no real parallel elsewhere in the Old Testament, nor does anything resembling it appear in ancient extrabiblical sources except the ritual suffering of the king” (McKENZIE, J., *Second Isaiah*, p. li). „Daß das Leiden des Knechts als stellvertretendes Leiden einen Sinn bekommen sollten davon ist bekanntlich in den drei ersten Gottesknechtstexten noch keine Spur“ (HERMISSON, H.-J., *Der Lohn des Knechts*, p. 283).

<sup>708</sup> „Daß die biblischen Vorstellungen späteren Verstehen nicht unmittelbar zugänglich sind, ist allein noch kein hinreichender Grund, sie durch andere zu ersetzen, sondern begründet nur die ‚Notwendigkeit, die traditionelle Sprache durch Interpretation dem Verständnis der Nachgeborenen zu erschließen, um so ihren Sinn lebendig zu erhalten““ (JANOWSKI, B., *Stellvertretung*, p. 9-10).

O profeta assume uma visão mais elevada e realística do sofrimento como meio de salvação para a comunidade. Somente o sofrimento do inocente poderia realizar tal mediação, pois o sofrimento do culpado nada mais seria do que a justiça vindicativa: ele não pode salvar a si mesmo. O profeta demonstra uma compreensão da solidariedade da condição humana que ultrapassa as expressões anteriores desta idéia no AT.<sup>709</sup>

#### 8.2.2.4.

#### A anulação dos pecados(כַּפֵּרָה)

A distinção que G. Fohrer faz entre o sofrimento na vida do Servo e o sofrimento em sua morte é, no mínimo, curiosa. Para ele, a substituição vicária se aplica apenas ao sofrimento durante a vida do Servo, não ao sofrimento na morte.<sup>710</sup> O efeito do sofrimento vicário em sua vida pressupõe que ele era inocente. Não fosse assim, este sofrimento teria sido em vão e não teria tido efeito algum. No entanto, inadvertidamente, o Servo poderá ter cometido algum pecado contra um mandamento divino; destarte, sua morte é interpretada como uma oferta pelos pecados não dos outros, mas pelos seus próprios (!). Sua morte como oferta pelos próprios pecados, inocentando-o portanto, seria a garantia de que seu sofrimento vicário em vida não cairia no vazio.<sup>711</sup>

<sup>709</sup> “Only the suffering of the righteous could be such a medium, for the suffering of the unrighteous would be no more than the satisfaction of vindictive justice. But the suffering of the innocent righteous has a ‘plus’ value in the community. The righteous must be the means of salvation for the unrighteous, for the unrighteous cannot be the means of salvation for themselves. The prophet shows an insight into the solidarity of the human condition which goes beyond earlier expressions of this idea in the OT” (McKENZIE, J., op. cit., p. 135).

<sup>710</sup> „Daher ist wohl zu sagen: Es ist die Rede vom stellvertretenden Leiden im Leben des Knechtes, dagegen, nicht von einem stellvertretenden Leiden im Sterben. Die Vorstellung von der Stellvertretung wird allein mit dem Leid im Leben in Verbindung gebracht“ (FOHRER, G., op. cit., p. 35).

<sup>711</sup> „Statt dessen ist anzunehmen, daß das Opfer für den ‚Knecht Jhwhs‘ selbst dargebracht wurde und dargebracht werden mußte zur Sühnung seiner möglicherweise unwissentlich begangenen Vergehen gegen göttliche Gebote. Der Knecht wurde nicht nur als Opfer dargebracht, sondern das Opfer erfolgte auch zu seinen Gunsten. Die Wirkung des stellvertretenden Leidens in seinem Leben setzte ja voraus, daß er sündlos war. War das nicht der Fall, so wäre sein Leiden vergeblich gewesen und hätte nichts bewirkt. Nun aber konnte er unwissentlich gegen ein göttliches Gebot gesündigt haben; deswegen mußte vorsorglich gegen ein Schuldopfer dargebracht werden — in diesem Falle er selbst, wie es der

Para O. Steck essa tese não se sustenta,<sup>712</sup> pois assenta-se numa interpretação incerta do termo  $\text{קָטַף}$  e ignora as referências internas do texto, especialmente a relação entre os vv. 6-7 com o v. 10.

A noção de “oferta pelos pecados” é abstraída de Is 53,10, onde a palavra  $\text{קָטַף}$  normalmente é traduzida por “oferta pelos pecados”, “oferta de expiação”, acenando-se para o sacrifício pelos pecados de Lv 5,14-26 e/ou apoiando-se no sacrifício de expiação (bode) de Lv 16,10.20-22.

Segundo Janowski, o termo  $\text{קָטַף}$  deve ser traduzido por “anulação dos pecados”, e não “expiação pelos pecados”.<sup>713</sup> A comparação do Servo com um animal sacrificial, como o querem G. Fohrer,<sup>714</sup> Haag<sup>715</sup> e outros,<sup>716</sup> conduz a um beco sem saída, pois no IV CSI, a linguagem não é sacrificial; falta o vocabulário cúltico, não se fala de sangue derramado nem o Servo é visto como animal sacrificial. Tampouco o modelo do bode expiatório corresponde à oferta do Servo; no caso, este carregaria as culpas de Israel e através de sua “morte satisfatória” eliminá-las-ia. Conforme o IV CSI, as culpas de Israel não são “eliminadas” por um bode expiatório numa região

---

umfassenden Stellvertretung entsprach. Sein Tod als Schuldopfer diene der unverbrüchlichen Sicherung dessen, was das stellvertretende Leiden im Leben bewirkte. Der Tod des Zweiten Jesaja, so meinte der Verfasser von Jes 52,13-53,12, war also gewiß ein Opfer- und Sühnetod, jedoch nicht zugunsten anderer Menschen, sondern zugunsten des Propheten selbst, der dadurch die Wirkung seines stellvertretenden Leidens im Leben gegen Nichtigkeit schützte“ (Ibid., p. 42).

<sup>712</sup> Mesma opinião de HAAG, E., *Das Opfer des Gottesknechts*, p. 95-96: „Sieht man die Aussage über das Opfer des Gottesknechts (Jes 53,10) nicht nur im Kontext des betreffenden Abschnitts, sondern auch auf dem überlieferungsgeschichtlichen Hintergrund der Ebed-Jahwe-Stücke, dann besteht eigentlich kein Zweifel mehr, daß es sich hierbei nicht um ein Schuldopfer für den Gottesknecht selber, sondern um den als Sühnopfer verstandenen Lebensentwurf des Mittlers im Dienst der Herrschaft Jahwes handelt“.

<sup>713</sup> Cf. por ex., *BP*, nota a 53,10-11a: “‘Expiação’ é termo típico do culto (Lv 4-5; 7; 14)”. A.MARX, em seu artigo »Sacrifice de Réparation et Rite de Levée de Sanction«, no qual trabalha o termo  $\text{קָטַף}$ , infelizmente, não se refere uma vez sequer ao IV CSI.

<sup>714</sup> „Der Knecht war das Opfertier, das Gott als der amtierende Priester ‚schlug‘, d.h. schlachtete, da ihm dies ‚gefiel‘, d.h. da er den Knecht als opferwürdig annahm“ (FOHRER, G., op. cit., p. 41).

<sup>715</sup> Apesar de HAAG, E., op. cit., p. 96-97: “Denn auffallenderweise begegnet bei der ‘Qualifikation’ dieses einzigartigen Opfers die gleiche Terminologie, die in dem bei der Opferkritik vorausgesetzten Kultbescheid die Annahme oder Ablehnung eines Opfers bezeichnet: Jahwe hat Wohlgefallen (*râzâh*) an seinem Knecht (Jes 42,1) und billigt (*hâphêz*) dessen Leiden (Jes 53,10).

<sup>716</sup> SCHENKER, A., op. cit., p. 82-85, interpreta o termo como “oferta votiva” em reparação a um sacrilégio cometido pelo grupo-nós contra IHWH na pessoa de seu Servo („Die Vielen verachten und töten ihn. Dies ist ein sakrilegisches Verbrechen, weil es den Beauftragten Gottes trifft. Es geschieht eine furchtbare Profanierung an der Person von JHWHs Gesandten“, p. 84), sendo que é o próprio Servo a fazer-se  $\text{קָטַף}$ .



deserta; elas são agüentadas, sub-portadas pelo Servo.<sup>717</sup> Portanto, não se pode comparar a eliminação ritual da impureza com a doação vicária da vida do Servo de IHWH.

Seguindo-se o raciocínio de Janowski, a noção de  $\text{חַטָּאָת}$  não proviria originalmente do culto, mas de contextos que tematizam faltas puníveis e suas respectivas satisfações (cf. Gn 26,10; 1Sm 6,3s.8.17). À diferença de  $\text{חַטָּאָת}$ , “pecado”,  $\text{חַטָּאָת}$  não é nenhum conceito para delito ou falha; ao contrário, relaciona-se sempre com um determinado tipo de consequência de delitos, dos quais o fator se torna consciente e dos quais se torna responsável.

A noção de  $\text{חַטָּאָת}$  fica mais bem situada no contexto da compreensão do ser humano como ser relacional — com seus semelhantes e com IHWH —, com a probabilidade de um distúrbio neste relacionamento, mas também com a possibilidade de uma restauração, de modo que o conteúdo desta expressão seria a restauração de uma situação vital disturbada.<sup>718</sup>

Transferindo este conceito básico de  $\text{חַטָּאָת}$  para o Is 53,10a, a afirmação da doação da vida como “anulação dos pecados” adquire um sentido preciso: Israel, que não está em condições de assumir a satisfação por suas culpas, precisa ser libertado delas para poder ter um futuro, para voltar à relação vital com IHWH. Essa libertação acontece por meio de um inocente que entrega sua vida, seguindo um “plano” de IHWH e como consequência de sua própria missão (53,7-8).<sup>719</sup>

<sup>717</sup> „Die Gleichung Gottesknecht = Opfertier führt u.E. in eine Sackgasse, denn weder ist in Jes 52,13-53,12 vom (vergossenem) Blut des Knechts die Rede noch wird der Knecht in der Rolle eines Opfertieres gesehen, das vom Opferherrn rituell geschächtet wird... Die Schuld Israels wird in Jes 52,13-53,12 nicht von einem Sündenbock in eine abgelegene Gegend ‚weggeschafft‘, sondern sie wird vom Gottesknecht ausgehalten, sie wird *er-tragen*“ (JANOWSKI, B., *Er trug...*, p. 18).

<sup>718</sup> „Der  $\text{חַטָּאָת}$ -Begriff steht im Kontext des Verständnisses des Menschen als Lebewesen in einer *Beziehung* zu Anderen und bezieht sich auf die Störung diese Beziehung durch Fehlverhalten, sowie die Möglichkeit der Wiederherstellung eines solcherart gestörten Beziehungsgefüges... Zusammengefasst lässt sich aufgrund dieser Aussagen das *Wiederherstellen einer gestörten Lebenssituation* als Inhalt des  $\text{חַטָּאָת}$ -Begriff in seiner Grundbedeutung festlegen“ (HENNING-HESS, H., *Bemerkungen zum  $\text{חַטָּאָת}$ -Begriff in Jes 53,10*, p. 619-620).

<sup>719</sup> Cf. JANOWSKI, B., *op. cit.*, p. 19. Para estudo mais minucioso do termo  $\text{חַטָּאָת}$  cf. a tese de GORGULHO, M.L., *O Servo de Iahweh nos escritos do Deutero-Isaías: uma contribuição à história do tema “justo sofredor” na literatura sapiencial do Oriente Antigo*.

### 8.2.2.5. O servo morreu e ressuscitou?

Is 53,8-10 é um texto considerado de difícil tradução. À primeira vista, afirma a morte do Servo: “...cortado da terra dos vivos”; menciona-se duas vezes sua sepultura (v. 9); fala-se da morte: “...se ele oferece sua vida como sacrificio expiatório... entregou a si mesmo à morte” (vv. 10.12; cf. v. 5). A versão da LXX — **ὄτι αἴρεται ἀπὸ τῆς γῆς ἡ ζωὴ αὐτοῦ** —, a mesma assumida por At 8,32-33 mostra a antiguidade de tal interpretação.<sup>720</sup>

Para G. Fohrer, um tribunal babilônico teria condenado o DtIs à morte, talvez até por indicação de seus oponentes israelitas, em meio a intrigas palacianas, alegando como prova, talvez, o oráculo a respeito da vitória de Ciro e da queda de Babilônia.<sup>721</sup> Mesmo não afirmando a morte do Servo, G.R. Driver é de opinião que as vicissitudes do Servo envolveram realmente problemas políticos que comprometiam tanto os companheiros judeus quanto os chefes babilônicos.<sup>722</sup>

<sup>720</sup> São inúmeros os autores que afirmam a morte do Servo, por ex., KUTSCH, E., op. cit., p. 180: „All sein Leiden mündete in den Tod, und zwar in einen Tod, der nicht als Erlösung, sondern als letzte Station des Leidensweges verstanden ist“.

<sup>721</sup> „Dann bleibt nur die Annahme übrig, daß ein babylonisches Gericht den Zweiten Jesaja — vielleicht aufgrund einer Anzeige seiner israelitischen Gegen, wie Js 50,10,11 nahelegt — wegen staatsgefährlicher Umtriebe verurteilt hat; als Beweis konnten seine Sprüche über den baldigen Sieg des Perserkönigs Kyros und den Untergang des babylonischen Reiches dienen“ (FOHRER, G., op. cit., p. 33).

<sup>722</sup> “The simplest solution and the most obvious would seem to be the he was some unknown Jew, whether teacher or preacher or prophet, whose message inflamed and alarmed his fellow-countrymen or perhaps the Babylonian authorities against him; for Jews might resent his denunciation of their apostasy or fear that he would embroil them with the Babylonians and bring down dire punishment on themselves, while the Babylonians might regard him as a dangerous fanatic urging rebellion on his fellow-exiles” (DRIVER, G.R., op. cit., p. 105).

Acontece que existe forte contradição entre a idéia de morte e a de uma vida longa, abençoada com uma descendência (v. 10 — a palavra עֲרֵךְ indica sempre descendência física).<sup>723</sup> Alguns autores procuram sair do impasse apelando para uma recompensa no além, mas isto, na opinião de A. Soggin, parecem soluções forçadas e embaraçosas.<sup>724</sup> Para J. Blenkinsopp, o mais provável seria a continuação do trabalho e da missão do Servo por aqueles que chegaram a acreditar nele e responderam ao chamado de dar continuidade a sua missão e a seu ensinamento.<sup>725</sup> Nesta mesma linha, M. Trevis, que afirma a morte do Servo, interpreta que o sujeito dos verbos aqui é Deus: ele é que verá a descendência do Servo (o filho de Onias, que seria este Servo, segundo ele, cuja morte está narrada em 2Mc 33,1-4,38) e lhe prolongará os dias.<sup>726</sup> Se admitirmos, porém, que o Servo não morreu, teríamos uma seqüência plenamente lógica.

Comparando o IV CSI ao salmos de ação de graças, Whybray considera que a linguagem usada aqui é figurativa, não podendo ser interpretada historicamente. O fato por trás daquilo que pareceria a ‘morte e ressurreição’ do Servo poderia referir-se à libertação do DtIs de alguma prisão babilônica, onde ele fora submetido aos maus tratos de que fala Is 50,4-9. Tal libertação foi vista como um milagre e um sinal de que a maré dos sofrimentos dos próprios exilados estava baixando, e que a libertação deles se avizinhava. Todos esses fatos, mais a condição elevada do profeta como portador da palavra de IHWH, dão conta da linguagem exaltada do IV CSI.<sup>727</sup>

<sup>723</sup> Cf. *Ibid.*, p. 105.

<sup>724</sup> „Deswegen erscheinen die genannten Erklärungen eher als Verlegenheitslösungen und sollten auch als solche behandelt werden“ (SOGGIN, J.A., *Tod und Auferstehung...*, p. 350).

<sup>725</sup> “And if this is so, the statement that the servant will see his offspring and the outcome of his travail implies either belief in a miraculous restoration to life or, more probably, that his work and mission will be continued by those who, like the speaker, have come to believe in him and have answered the call to perpetuate his mission and teaching” (BLENKINSOPP, J., *A Jewish Sect...*, p. 14)

<sup>726</sup> “This line has not been understood by the exegetes. Obviously a dead man cannot see his offspring or anything else. An no man can prolong his own days. The subject of these verbs is God, who will look upon the martyr’s son and prolong the son’s days” (TREVIS, M., *op. cit.*, p. 104).

<sup>727</sup> “In Isa. 53 the allusiveness of the language does not permit us to say precisely what was the occasion of this giving thanks, but it may be surmised that it was the release of Deutero-Isaiah from a Babylonian prison, where he had been subjected to the suffering of which the third ‘Servant Song’ (50: 4-9) also speaks. The reason for his release is not known; but it would appear that his friends took it as a miracle and as a sign that the tide of their own sufferings had turned, and that the deliverance of the exiles which he had constantly promised was about to begin. This, together with his exalted role as the bearer of Yahweh’s word, would account for the exalted language in which they speak of him” (WHYBRAY, R.N., *op. cit.*, p. 172).

Para G.R. Driver, o quadro seria o seguinte: alguém que fora erroneamente julgado culpado, foi maltratado em consequência disto; pela providência divina ficou provada sua inocência e ele recuperou seu prestígio na sociedade, na qual vive para gozar uma velhice madura, respeitado por todos.<sup>728</sup> Neste caso, não haveria grande diferença entre a interpretação simbólica e a interpretação ritual da morte do servo.<sup>729</sup>

A expressão *נְגִיד מֵאֶרֶץ חַיִּים* pode ter um significado diferente: já entregue à morte, mas de tal maneira que IHWY pode ainda tomar uma iniciativa salvífica e mudar toda a situação,<sup>730</sup> como no Sl 31,23.

Para L. Ruppert, abstraindo-se do parentesco com os salmos tardios, seria forçoso reconhecer aqui a idéia de ressurreição pessoal do Servo, mas o texto nem sequer indiretamente alude a esta. Ademais, como a crença na ressurreição pessoal do indivíduo pudesse ter surgido num tempo tão antigo permaneceria um enigma. Ele reconhece que aqui se impõe a idéia de que o Servo deva ser compreendido não como indivíduo, mas como coletividade, o que leva a supor que o texto não provém de um único autor.<sup>731</sup>

<sup>728</sup> “The picture is surely that of one who, having been mistakenly thought wrong and been accordingly maltreated, is by Divine providence eventually proved right and restored to his former position of influence in the society in which he lives to enjoy a ripe old age, honoured by all men” (DRIVER, G.R., op. cit., p. 105).

<sup>729</sup> „Der Unterschied zwischen einer bildlichen und einer rituellen Auffassung des Todes des Knechtes dürfte nicht sehr groß sein“ (SOGGIN, J.A., op. cit., p. 346).

<sup>730</sup> „...schon dem Tode verfallen zu sein, doch auf eine Art, daß Jahwe immer noch rettend eingreifen und das Ganze rückgängig machen kann“ (Ibid., p. 351). “In the end, if the servant was not dead (although this seems to us the most obvious meaning of the language used), he was in some sense ‘cut off from the land of the living’ and fit only for the grave” (WILCOX, P., op. cit., p. 96). “Visto que a linguagem é formalmente derivada, não está claro que o texto de 53,8-9.12 ateste a morte real do servo, uma vez que pode, em conformidade com a linguagem habitual dos gêneros, referir-se antes à sua salvação de última hora, do por pouco triunfante poder da morte” (GOTTWALD, N.K., op. cit., p. 464).

<sup>731</sup> „Will man nicht annehmen, hier sei an eine Gottesgemeinschaft des Knechtes über den Tod hinaus nach Art des späten (!) Psalms 73 (V. 24-26) gedacht,... müßte man hier mit dem Glauben an eine persönliche Auferstehung des Knechtes rechnen. Von einer solchen aber ist auch nicht andeutungsweise die Rede. Wie es in so früher Zeit zum Glauben an die persönliche Auferstehung eines einzelnen hätte kommen können, bliebe ein Rätsel. Es drängt sich der Gedanke auf, daß hier der Knecht plötzlich nicht mehr als Individuum, sondern als ein Kollektivum verstanden wird. Solches aber spräche entschieden gegen ein und dieselben Verfasser“ (RUPPERT, L., op. cit., p. 9). “That the poet may have imagined the death and resurrection of an ill-treated fellow-Jew in Babylon during the Exile and have conceived of him after such a resurrection as looking down from heaven on his children’s children ... is barely, indeed is not, credible” (DRIVER, G.R., op. cit., p. 105).

Dada a ambigüidade das referências à ‘morte’ do servo, trata-se, portanto, de mais uma entre as tantas questões discutidas no IV CSI, sem que haja consenso entre os autores. Talvez A. Clines tenha razão em incluí-la na sua lista de enigmas em Is 53;<sup>732</sup> enquanto F. Praetorius prefere deixar a questão aberta,<sup>733</sup> M. Trevis é bastante enfático quanto a este ponto.<sup>734</sup>

### 8.2.3. Mudança radical de mentalidade

Já constatamos que, inicialmente, o grupo-nós fazia a leitura tradicional do sofrimento do Servo:<sup>735</sup> “Era desprezado e abandonado pelos homens, um homem sujeito à dor, familiarizado com a enfermidade, como uma pessoa de quem todos escondem o rosto; desprezado, não fazíamos caso nenhum dele... Nós o tínhamos como vítima do castigo, ferido por Deus e humilhado” (Is 53,3.4b).

Mas aqueles que o consideraram um caniço rachado, uma chama apagada, enganaram-se. O profeta revelará, então, que o sofrimento na vida de uma pessoa não é necessariamente sinal de maldição: ela pode estar padecendo a maldição que

<sup>732</sup> “In none of these cases is it my intention to argue that the poem does *not* speak of the servant’s death, although the scholars cited above have argued vigorously that it does not. It is enough for my purpose — rather, it is precisely my point — to observe that the references to the servant’s ‘death’ are all ambiguous, and to add this item also to my list of enigmas of Isaiah 53” (CLINES, D.J.A., op. cit., p. 29). “Concedido que estas descrições elaboradas do servo apresentam tensão interna e ambigüidade de significado, isso, porém, é apenas a epitomização mais forte de vários enigmas e ambigüidades que a obra artificialmente encena e dos quais tira proveito: Ciro, que não conhece Iahweh, vai conhecê-lo, as nações serão vencidas e salvas, um servo cego e surdo conduzirá adiante um povo cego e surdo, um Deus, que considera as nações como nada, salvá-las-á, o mesmo Deus que ficou enfasiado dos pecados do seu povo, libertá-lo-á da sua servidão merecida, e uma libertação do exílio deveria ser celebrada antes que tenha ocorrido! Estas são algumas das assombrosas ‘quebras de lógica’ com as quais o profeta regala seus ouvintes” (GOTTWALD, N.K., op. cit., p. 463).

<sup>733</sup> „Ob dieser Tod in des Wortes eigentlicher Bedeutung zu nehmen ist, oder nur als Bild für Not und Unglück, das muß ich unentschieden lassen“ (PRAETORIUS, P., op. cit., p. 19).

<sup>734</sup> Cf. TREVIS, M., op. cit., p. 99-100).

<sup>735</sup> „Die frühere Sicht der Wir (V. 2f.4b.6a) beruht auf der Logik des Tun-Ergehen-Zusammenhangs: Die Tat kehrt als entsprechendes Ergehen zum Täter zurück und bestimmt dessen Gemeinschaftsfähig- oder unfähigkeit. Ein solches Verstehensmodell gibt es in zahlreichen Psalmen, in denen das Leiden des Beters in den Augen seiner Mitmenschen als Folge der eigenen Schuld erscheint“ (JANOWSKI, op. cit., p. 14).

deveria recair sobre outros. Com efeito, aquele que é amaldiçoado pode não reconhecer sua própria maldição transferida para aquele que ora padece.<sup>736</sup>

O braço, ou seja, a ação salvífica de IHWH, além de elevar o servo, levou o grupo-nós à compreensão do sentido novo do sofrimento do Servo e dos próprios.<sup>737</sup> Is 53 mostra o processo de substituição vicária em toda a sua dramaticidade e desvela seu lado inquietante e libertador: inquietante, porque um inocente se deixa esmagar, sem revidar, e assume toda a violência a fim de quebrar-lhe a força. É libertadora porque este acontecimento não é simplesmente acolhido: o grupo-nós reconhece nele a própria culpa.<sup>738</sup>

Neste ponto, conviria, pois, lembrar o aspecto de restabelecimento dinâmico e processual de uma relação que foi truncada, contido na palavra  $\text{נִשְׁפָּט}$ : não se trata de um momento determinado, mas de uma série de passos, que começa no momento que alguém se torna culpado, intensifica-se quando reconhece sua culpa e culmina quando esta culpa lhe é tirada.<sup>739</sup>

<sup>736</sup> “The secret the prophet discloses is that the curse may not lie upon the person who suffers; it may be the curse which lies upon another and has been transferred to the person who suffers. Indeed, the one who is cursed may not recognize his own curse in the person who bears it” (McKENZIE, J., op. cit., p. 133).

<sup>737</sup> “If there is a connection between this song and the preceding poems, then the saving act of Yahweh must be the topic of this poem. The character of the saving act is such that it should astonish nations and close the mouth of kings” (Ibid., p. 133).

<sup>738</sup> Cf. JANOWSKI, B., op. cit., p. 22.

<sup>739</sup> „Ein solches Wiederherstellen ist jedoch m. E. nicht auf ein situatives Moment festlegbar, sondern muß als in eine Reihe von Einzelschritten erfolgend gesehen werden. Diese reichen von Moment des Schuldpflichtigwerdens und der Anerkennung des Schuldpflichtigseins (eben nach Störung einer Lebenssituation) bis hin zu dem Augenblick, in dem die Schuldpflicht abgeleistet wird.  $\text{נִשְׁפָּט}$  gibt also nicht ein einzelnes Moment wieder, sondern den *Prozeß*, der bei einer gestörten Lebenssituation beginnt und in deren Wiederherstellung endet“ (HENNING-HESS, H., op. cit., p. 620).

À medida que o Servo doa sua vida pelos muitos, em atitude de entrega silenciosa, pode-se supor que estivesse consciente do seu gesto, de que estaria carregando a culpa de outrem. O grupo-nós, porém, inicialmente não tinha consciência da própria culpa; avaliou erroneamente a situação do Servo como também, obviamente, não pediu que se oferecesse no lugar deles.<sup>740</sup> A iniciativa foi de IHWH, numa atitude que é freqüente na Escritura: Deus não espera que as pessoas compreendam seus gestos para poder agir; a iniciativa é sempre dele, e a compreensão vem com o tempo, à medida que o contemplado lhe obedece.

Assim, por si só, o grupo-nós não chegaria a compreender o alcance de tal gesto. Foi preciso um estímulo exterior que os levasse de um conhecimento teórico a uma experiência prática. Eles não apreenderam a realidade da substituição vicária simplesmente por meio de reflexão ou decisão, mas através da palavra-oráculo de IHWH, que fala do êxito do Servo, incluída no reconhecimento de culpa. Essa palavra é que desencadeia no grupo-nós o processo de compreensão: “Contudo, ele carregou nossas enfermidades”.<sup>741</sup> Foi preciso, portanto, que o Senhor lhes revelasse,<sup>742</sup> descobrisse seu braço, de modo que a aceitação deste dom — o da justificação — e a mudança radical que se verifica no grupo fazem parte da grande novidade do Dêutero-Isaías.<sup>743</sup>

<sup>740</sup> „Indem der Gottesknecht sein Leben für die ‚Vielen‘ gibt, und zwar als  $\text{נפשו}$ , kann man bei *ihm* die Bewußtwerdung der Schuld, die er zu tragen bereit ist, voraussetzen. Wie aber ist es um die Bewußtwerdung von Schuld bei denen bestellt, für die er sein Leben gibt? Unter dem Aspekt des Opfertiers ist er eines, das nicht ausdrücklich von denen, für die es als Opfer dargebracht wird (bzw. sich darbringt) autorisiert worden ist“ (Ibid., p. 622).

<sup>741</sup> „Niemand ist aber aus sich allein zu solcher Erkenntnis fähig. Sie bedarf des Anstoßes ‚von außen‘, der aus einer *theoretischen* eine *praktische* Erkenntnis macht... Die Wirklichkeit der Stellvertretung erschließt sich den Wir ja nicht einfach durch Reflexion oder Entschluß, sondern durch das im Bekenntnis von Jes 534 ergriffene Wort, das JHWH in dem Eingangsorakel über den Erfolg seines Knechts spricht (52,13-15). Dieses Wort hat bei den Wir den Prozeß der Erkenntnis ausgelöst“ (JANOWSKI, B., *Stellvertretung*, p. 94).

<sup>742</sup> „Der heutige Kontext möchte freilich suggerieren, daß die ‚Wir‘ aufgrund der Gottesoffenbarung von der Erhöhung des Knechtes (Jes 52,13-15) zur Erkenntnis des stellvertretenden Leidens des Knechtes gelangt sind“ (RUPPERT, L., op. cit., p. 8). „Ja, es ist JHWH selbst, der zuerst den Prozess des Wandels in den ‚Wir‘ auslöst“ (SCHENKER, A., op. cit., p. 79).

<sup>743</sup> „Wodurch wurde dieser Umschwung in der Beurteilung des Leidens des Knechtes bewirkt? Von selbst sind die ‚Vielen‘ doch nicht ‚darauf kommen‘. Offenbar war die Heilsbedeutung dieses Leidens für die Vielen der Inhalt jener Kunde (v. 1a), die so unglaublich war; daß Gott mit diesem Leiden in ihr eigenes Geschick heilvoll eingegriffen hat, das mußte ihnen ‚geoffenbart‘ werden (v. 1b)“ (KUTSCH, E., op. cit., p. 178).

Eles chegam a outra conclusão: mediante o sofrimento e a possível morte do Servo, Deus não mergulhou na escuridão da morte, mas sim, todo sofrer e morrer humanos é que mergulharam na luz de Deus.<sup>744</sup> Não seria este, talvez, o caminho e a vereda desconhecidos pelo qual o IHWH conduziria os cegos (Is 42,16), despertando-lhes nova compreensão daquilo que ele seria capaz de realizar?<sup>745</sup>

Isto provoca uma mudança de conceitos que se afigura numa revelação nova e quase inacreditável, e a comunidade-nós expressará em abundantes palavras sua admiração por causa deste fato novo: “Mas ele foi trespassado por causa das nossas transgressões, esmagado em virtude das nossas iniquidades” (Is 53,5). O castigo que deveria cair sobre os pecadores, quiçá para trazer-lhes a paz (v. 5b), caiu sobre o Servo.<sup>746</sup>

---

<sup>744</sup> „Für sie wurde durch das Leiden und Sterben des ‚Knechts‘ nicht Gott in das düstere Licht des Todes getaucht, sondern alles Leiden und Sterben von Menschen in das vorerst noch verhalten, einst aber strahlend hell leuchtende Licht Gottes“ (DIETRICH, W.-LINK, C., op. cit., p. 289).

<sup>745</sup> Cf. SIMIAN-YOFRE, H., La teodicea del Deuterocanónico, p. 70.

<sup>746</sup> “‘We’ have come to the conclusion that they had misjudged the person who is interpreted as God’s servant in the context... Their earlier relations to him were determined by his appearance, which was poor and pathetic, and by people’s attitude towards him, which was one of contempt; he was ‘despised and rejected by men’ (v. 3). But it was not ‘he’, but ‘we’, with whom something was wrong. His misery was related to their sins, and his punishment was a condition for their peace; he was ‘stricken, smitten by God’ (v. 4), but the reason was that Yahweh had ‘laid on him the iniquity of us all’” (JEPPESEN, K., op. cit., p. 120).



A visão atual do grupo-nós assinala uma ruptura com a lógica da doutrina da retribuição. Agora eles já não racionalizam a respeito do Servo, já não se distanciam dele; ao contrário, voltam-se para ele, reconhecem-se até mesmo culpados por seu sofrimento. Eles, que antes atribuíam a culpa aos inimigos e ao próprio servo, reconhecem que este era inocente. Agora, atribuem a culpa a si mesmos, embora somente de forma indireta se considerem culpados, e não explicitem em que consistia precisamente tal culpa e contra quem foi perpetrada: se contra o Servo mesmo ou contra outras pessoas.<sup>747</sup> O mais provável é que tenha sido contra o próprio Servo, conforme a descrição dos sofrimentos infligidos ao Servo no o III CSI.<sup>748</sup> Restaria perguntar por quê.

Com base no anúncio do oráculo do Senhor (52,13-15), o grupo agora tem nova visão e reconhece as conseqüências de seu agir.<sup>749</sup> É o começo, mas a condição indispensável para a conversão,<sup>750</sup> pois não seria suficiente que o inocente padecesse, nem mesmo que seu sofrimento fosse substitutivo. Era necessário que este mistério fosse revelado e que as pessoas o aceitassem: de culpados que eram, tornam-se testemunhas da ação de Deus no Servo, que eles aceitam, reconhecem e testemunham.<sup>751</sup>

<sup>747</sup> „Es ist auffällig, dass die Vielen, die im Gedicht als Zeugen des Geschehens das Wort ergreifen und die Leidensgeschichte des unschuldigen Knechtes erzählen und deuten, sich nur indirekt als schuldig bekennen... Aber sie lassen in ihrer Rede nicht unmittelbar erkennen, worin denn diese ihre Schuld besteht“ (SCHENKER, A., op. cit., p. 64).

<sup>748</sup> „Es kann sich dabei nur um die dem Knecht angetane Schuld handeln, weil von keiner andern Schuld und von keinen andern etwaigen Opfern von Schuld der Vielen im Liede die Rede ist“ (Ibid., p. 66).

<sup>749</sup> „The function fo the ‘we’ is to give voice to a new insight” (JEPPESEN, K., op. cit., p. 120).

<sup>750</sup> „Die *jetzige Sicht* der Wir (V. 4-6) beruht auf dem Zerschneiden dieser Logik: Die Wir haben sich geirrt und waren in ihrer blinden Selbstbezogenheit ein jeder seinem eigenen Weg zugewandt... Das Leiden des Gottesknechts — so erkennen sie jetzt — war nicht die Folge seines eigenen, sondern ihres, also eines fremden Tun... Indem die Wir aufgrund des JHWH-Orakels 52,13-15 zu ihrer jetzigen Sicht finden, können sie sich endlich den unheilvollen Konsequenzen ihres Tuns stellen. Das ist der Anfang, aber auch die Bedingung der Veränderung“ (JANOWSKI, B., Er trug..., p. 14-15).

<sup>751</sup> „Von Schuldigen, die den Knecht demütigten und töteten, werden sie zu Zeugen, die Gottes Werk am Knecht zuerst erkennen, dann annehmen und schließlich bekennen und bezeugen“ (SCHENKER, A., op. cit., p. 65).

Portanto, a ênfase aqui recai precisamente no relacionamento do grupo-nós com o Servo, na mudança visceral que se opera na mentalidade do primeiro,<sup>752</sup> desencadeada pela revelação de IHWH. A novidade que o texto introduz e que soa realmente extraordinária não é tanto o inesperado destino do Servo, sua recompensa, indicada apenas no fim e em perspectiva futura, mas sim, uma visão diferente da justiça divina e da retidão humana: aqui o justo é esmagado em favor e em lugar dos pecadores (substituição vicária).<sup>753</sup>

---

<sup>752</sup> „So geht es im 4. EYL nicht primär um das Leiden des Geschundenen, sondern um die geänderte Einstellung IHM gegenüber. Die radikal gewandelte Sichtweise über das Warum und Wozu dieses Schicksalsträgers soll nicht nur berichtet, sie soll mitgeteilt, d.h. von anderen geteilt werden“ (U. BERGES, *Das Buch Jesaja*, 408). „Diese ihr Weg von dem am Knecht begangenen Unrecht zur Einsicht in die wahre, göttliche Bedeutung des Schicksals von JHWHs Knecht macht den Hauptinhalt des Gedichts aus“ (SCHENKER, A., op. cit., p. 80).

<sup>753</sup> „Da er aber gelitten hat und da solches Leiden die Strafe für Sünde darstellt, hat sich für die ‚Wir‘ der Schluß ergeben, daß der Knecht für die Sünde anderer Menschen gelitten hat. Er tat es stellvertretend für sie“ (FOHRER, G., op. cit., p. 31). „Sieht man genau hin, dann besteht das schier Unglaubliche der Kunde nicht so sehr im unerwarteten Geschick des Knechtes, seinem Lohn, der am Ende (in v. 10 und 11a $\alpha$ ) nur soeben angedeutet wird und außerdem in der Zukunft liegt, als vielmehr darin, daß der schimpfliche Tode des Knechtes *nicht* (...) *Straffe* für *seine* Schuld gewesen ist (...), sondern *Strafe für ihre eigene* Schuld, die ihm JHWH aufgeladen hat“ (RUPPERT, L., op. cit., p. 8).